

## ALUGAM-SE QUARTOS: ASPECTOS DA REPRESSÃO SEXUAL FEMININA EM NOVELA DE GILVAN LEMOS

Déborah Bezerra de FARIAS<sup>1</sup>  
Eli Brandão da SILVA(orientador)<sup>2</sup>

Temos como principal objetivo em nosso trabalho discutir, a partir da representação operada pela literatura, aspectos da repressão sexual feminina enquanto relacionada ao histórico poder ideológico que a religião exerce no seio da sociedade, como é o caso do cristianismo no Brasil. Isto buscaremos realizar a partir de análise e interpretação de duas personagens femininas da novela *Alugam-se quartos*, em *A era dos Besouros*, do pernambucano Gilvan Lemos. Fundamentamos nossa análise principalmente nos postulados teóricos de Chauí (1984), no que diz respeito a aspectos históricos da repressão sexual, e na abordagem sociológica da sexualidade de Bozon (2004). Constatamos a partir da análise que, nas figuras femininas da obra, transparece o despontar de uma mulher consciente de sua repressão, mas também disposta a lutar por sua libertação, tendo em vista a vivência plena de sua sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade. Repressão. Religião

### INTRODUÇÃO

A literatura, pelo seu caráter simbólico, representativo, palimpséstico e pluridiscursivo, possibilita, a partir de diferentes perspectivas, a discussão de diversos temas. Isto porque em seu interior abriga um coro de vozes discursivas que, por um lado representam os diversos embates travados no seio da sociedade e, por outro, estabelecem uma posição em relação aos discursos produzidos pela mesma sociedade, relação esta de harmonia ou de conflito ideológico, em face de discursos hegemonicamente constituídos ou de discursos subalternizados. A literatura, neste sentido, transporta representações de gênero e de identidades.

As hermenêuticas literárias construídas na perspectiva de compreender a correlação entre literatura e sociedade nos possibilitam entrever aspectos da vida social que são reveladores de condições de opressão ou de processos de libertação em curso. Neste sentido, a partir da representação operada pela literatura, buscamos discutir aspectos da repressão sexual feminina, enquanto relacionada ao poder ideológico exercido pela religião no seio da sociedade, como é o caso exemplarmente da influência exercida pelo cristianismo no Brasil. Isto buscaremos realizar a partir de análise e interpretação de duas personagens femininas da novela *Alugam-se quartos*, no livro *A era dos Besouros*, do pernambucano Gilvan Lemos.

Para empreender uma breve análise e reflexão sobre a repressão sexual feminina a partir da obra de Lemos, nos apoiaremos nos postulados teóricos de Chauí (1984), e na abordagem sociológica de Bozon (2004).

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Estadual da Paraíba

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo dos séculos, a tradição judaico-cristã através do cristianismo tem influenciado grandemente a sociedade ocidental, de tal modo que não se pode negar que a base dos fundamentos que determinam valores e condutas no que se refere às relações de gênero, como se pode exemplificar com o machismo, com destaque para questões relacionadas à sexualidade feminina, principalmente ao que diz respeito ao sexo, tem sido fruto do ensino ministrado pela igreja cristã em suas diversas denominações e correntes. Neste contexto e no que se refere à sexualidade, a mulher sempre sofreu uma mais forte e expressiva repressão familiar, social e religiosa, o que sempre a impediu de viver plenamente sua sexualidade.

Para Soares (1999), vivemos em uma sociedade que tem como base, a “dessexualização da mulher”, com exigência da castidade e o ataque aos comportamentos considerados imorais. Chauí (1984:9) diz que “a repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade (...)”. Ora, as normas, leis e valores são definidos no âmbito da religião, da moral social, do direito e da ciência. Mas, no que elas se referem à sexualidade, embora vivendo numa sociedade secularizada, ainda é forte a influência religiosa. Se no contexto moral, estabelece-se a fronteira entre o lícito e o ilícito, no contexto religioso, além deste, são demarcados os limites entre o pecaminoso e o não pecaminoso (CHAUÍ, 1984:16-18).

Embora o cristianismo tenha em grande parte determinado a sociedade brasileira de um modo geral no que se refere à repressão sexual, embora contemporaneamente menos, tal repressão foi mais intensa na mulher do que no homem. Desde cedo, ela é educada para a vida doméstica, para o casamento e para a maternidade, ficando com um papel secundário na sociedade, não tendo autonomia para traçar seus próprios caminhos. Sua individualidade, sempre reprimida, cabendo-lhe apenas a dependência, a submissão e a passividade, fosse em relação aos pais, fosse em relação ao marido. Na opinião de Soares (1999), um dos principais fatores que implicam na repressão feminina é o fato de que as leis sempre foram feitas no âmbito do gênero masculino, ou seja, pelo homem.

Embora atualmente observemos na cena social múltiplos mecanismos que interferem na construção das subjetividades e constatamos uma certa relativização do poder ideológico da religião sobre o indivíduo e a sociedade, não podemos negar que o cristianismo ainda exerce um grande poder ideológico no seio da sociedade. Por um lado, considerando

comunidades progressistas (católicas e protestantes), um papel libertador no que se refere às questões de gênero, à inclusão social e à reformulação de conceitos relativos à sexualidade, mas, por outro, o que mais fica patente, pois transparece na oficialidade dos grandes grupos cristãos, os aspectos conservadores e reacionários do cristianismo face à sexualidade, como a proibição do uso de anticoncepcionais; a condenação do aborto, do adultério, do homossexualismo, do divórcio; a atribuição dos males e doenças ao gosto pelo prazer carnal. A sexualidade é reprimida principalmente pela associação do desejo e do prazer ao pecado.

A dicotomia prevalecente no interior do cristianismo e que preceitua que o ser humano está dividido em espírito e matéria, tem como consequência a oposição entre *amor profano* (amor carnal) X *amor divino* (amor do espírito), onde o primeiro se contrapõe ao segundo, já que é insaciável, insatisfeito e pecaminoso, desvia e distrai a alma do amor divino, este que seria o único a dar contentamento pleno. Nesta visão, todas as atividades sexuais desvinculadas de finalidade procriadora foram, durante séculos, e em certos ambientes até hoje, consideradas pecaminosas, fazendo parte da categoria da concupiscência e da luxúria, sendo considerados até como pecados mortais.

Essa vinculação do sexo à morte se respalda em uma das interpretações do mito da criação presente no texto bíblico de Gênesis, onde o pecado original é relacionado à descoberta do sexo e a mulher (Eva) como instigadora deste. Eva sendo a sedutora, a fonte do mal, a que seduziu e iludiu Adão, responsável direta pela perda de imortalidade e expulsão de ambos do Paraíso. Por isso a mulher precisa converter-se através da submissão e da repulsa do prazer, já que ela foi a causadora do pecado original.

Segundo Bozon (2004) podem ser percebidas duas grandes etapas na elaboração e no tratamento cristão da sexualidade.

Na primeira delas, os textos de Agostinho (séc. V) teorizam a recusa à concupiscência (desejo) e ao prazer, de tal forma que levam a uma restrição em direito da atividade sexual apenas à obra de procriação desejada por Deus e pela natureza. Uma segunda etapa é a instituição, a partir dos séculos XII e XIII, do casamento cristão, monogâmico e indissolúvel, que delimita o quadro dessa atividade sexual legítima (BOZON, 2004:26).

O casamento, seguindo essa linha de raciocínio, foi o responsável então pela moralização do sexo, o tornando lícito. Mesmo considerando a referida segunda etapa, nesta situação é a igreja quem estabelece os princípios e as condutas relativas ao sexo, de modo que aparece a culpa neurótica como possibilidade toda vez que os casais ultrapassam os limites da procriação. “Como observou um historiador, no leito conjugal os cônjuges nunca estão sozinhos: partilham a cama com a sombra da Igreja.” (CHAUÍ, 1984:99).

O objetivo das igrejas através dos dogmas e preceitos relativos à conduta moral e sexual é o de moldar homens e mulheres no sentido de adequá-los para uma vida sem “pecados”. Não apenas as mulheres se inquietam diante da condição de repressão sexual imposta, mas também homens conscientes do erro dessa prática. Como dissemos anteriormente, a sociedade de um modo geral tem experimentado significativas mudanças, e estas já podem ser percebidos também no contexto daquelas pessoas que, participando da vida religiosa, expressam posição de confronto em relação à repressão sexual. Percebe-se uma grande mudança nesse quadro repressivo contra a mulher, o que se evidencia no fato dela mesma já passar a ter uma consciência de sua repressão e almejar sua emancipação, sobretudo a partir de tudo o que vem decorrendo após a “revolução sexual norte-americana”. “A figura feminina, tantas vezes submissa e arrependida, de uma pequena ousadia, é agora substituída por outra, que sabe o que quer e age por vontade própria” (SOARES, 1999:108). Ela não quer mais levar em conta a aprovação da sociedade, nem o que os repressores esperam ou não dela.

A literatura nordestina contemporânea, enquanto representação da realidade vivida nesta região, testemunha esse movimento feminino de busca de consciência e ação face à repressão sexual, ensejando discussão e reflexão acerca dessa questão.

### **MULHERES EM *ALUGAM-SE QUARTOS***

Gilvan Lemos, profícuo escritor, desde 1956, natural da cidade pernambucana São Bento do Una, autor de vários livros em prosa. Considerando Gilvan Lemos como um regionalista, a seu contra gosto, críticos afirmam que ele escolhe e trabalha seus enredos com habilidade e competência, além de simplicidade e beleza. Ele também é caracterizado por sua linguagem expressiva e pelas constantes críticas contra a passividade do povo diante da opressão, sendo considerado um ceticista e anticlerical.

Para observarmos a expressão da repressão sexual feminina, selecionamos estratos textuais da novela *Alugam-se quartos*, do livro *A era dos Besouros*, de Lemos, na qual contam-se dramas íntimos de vários moradores de um sobradinho “cai-mais-não-cai”. Entre os moradores do sobrado nos chama a atenção duas personagens, Dada e Lorena, “duas beatas, irmãs de sangue, avulsas de caridade, irmanadas junto ao padre da Igreja de São Nicolau” (LEMOS, 2006:48) e que podem nos servir como amostra de como se evidencia o conflito entre religião, gênero e sexualidade. Chama-nos a atenção trechos de uma conversa entre as duas personagens, onde Lorena questiona certas atitudes de sua irmã mais velha, Dada, a quem faz algumas revelações.

- E quando me pegou ouvindo a conversa dos velhos daí de junto, tarde da noite, na cama deles, exasperou-se, disse que ia pedir ao senhorio para mandar retirar a porta de madeira, murar o local; que aquilo era uma indiscrição da minha parte, uma ignomínia, mas na noite seguinte saiu dos seus cuidados e veio escutar também, foi ou não foi?
- Virgem, mulher, pare ao menos para respirar, parece uma metralhadora... Você está exagerando, não foi bem assim. Fui ver se você continuava bisbilhotando, fui arrastá-la, tirá-la da perdição, zelar por sua alma.
- Mas chegou a ouvir o que o velho dizia e o chamou de indecente.
- Não estou bem lembrada disso.
- Chamou, chamou sim. O que não foi justo de sua parte, pois eles são casados com a bênção da igreja, têm direito de fazer o que bem entenderem na cama deles.
- Lorena, pelo amor de Deus! Você precisa se confessar, tirar essas porcarias de sua cabeça (LEMOS, 2006:55).

Neste momento, Lorena questiona a atitude hipócrita de sua irmã Dada, que por sua vez assume uma postura ao mesmo tempo de reprimida e de repressora. Dada se reprime quando tenta negar o fato para a irmã, quando tentar se esquivar de sua verdade interior, “Não me lembro mais disso”. Ela assume essa postura talvez por medo de revelar para Lorena o que realmente sente e o que pensa. Ela se auto-reprime. Considera a sua curiosidade e a de Lorena perante a prática sexual dos vizinhos como um erro, uma transgressão. Depois assume o papel de repressora no momento em que julga a atitude da irmã como algo imoral, errado. Para Dada, a postura de Lorena foge totalmente às normas e preceitos religiosos, o que poderia lhe causar a perdição, ou até mesmo a “não-salvação” de sua alma.

Deduzimos que Dada chama o vizinho de indecente por escutar palavras eróticas do mesmo, o que achou uma indecência. Ela ainda traz consigo um pensamento, tão em vigor no século XIII, de que a busca de prazer nas relações conjugais é proibida, sendo os maridos ou mulheres apaixonados ou excessivamente ardentes, “fogosos”, eram considerados “fornicadores”. Também podemos perceber implícita na fala de Lorena o pressuposto de que, se o sexo só é lícito se for no casamento, seria a “sexualidade legítima” (BOZON, 2004:34).

Indo mais além, Lorena expressa um desejo proibido, pois se trata de desejar o representante da repressão.

- Tem razão, mana. Eu... eu... Ando tão perturbada! Você não passou por isso não? É da menopausa, li nem sei onde. Tenho vergonha de me confessar. Padre Juvenal... Tão corado, mana, com tanta saúde, força, quero dizer, disposição. (...) Sei que não devo mas... Eu olho, ora se olho. Quando o padre anda (...) Que volume mana, que pacote. Um padre poder ter tão grande assim?
- Que está dizendo, mulher?
- Desembestei, mana, não posso mais parar. O que tramo em pensamento, em recolhimento, o que prendo na vontade... Não cabe mais dentro dos meus recalques, estoura, mana, preciso botar pra fora, senão enlouqueço. Não

quero mais ser uma reprimida, acabou, basta de pretender ser santa como você (...).

— Lorena, cale essa boca, parece uma matraca. (LEMOS, 2006: 56)

Lorena procura causas para o que ela chama de “perturbação”. Ela considera sua atitude uma loucura, acha que peca em pensamento, que não deve falar o que sente, tenta se reprimir, porém não consegue mais segurar seus instintos, então decide se aliviar, não quer mais ser uma reprimida, nem tentar ter a mesma postura que a irmã mais velha, “basta de pretender ser santa como você”. Segundo Chauí (1984:13), “a repressão perfeita é aquela que já não é sentida com tal”, o que não é o caso de Lorena, que tem consciência de sua repressão e “não quero mais ser uma reprimida”.

Ela tem medo de se confessar, pois é na confissão que o corpo e o mundo são postos sob suspeita, além de ser ocasião reveladora. E também porque na doutrina cristã quem omite um pecado por vergonha, comete o mais grave dos pecados mortais: o sacrilégio. Porém já podemos considerar a sua fala como uma confissão involuntária, na qual sua irmã Dada assume o papel de confessoria que lhe julgará a atitude e lhe atribuirá uma penitência.

— Se não calar essa boca agora mesmo vou-me embora.

— Tem mais, Dada, sou obrigada a dizer, porque estou perdendo o juízo, não agüento mais, quer que eu estoure por dentro? Quer ver sua irmã implodida, como fazem com os prédios? Sabe, Dada, não se escandalize, vou dizer uma coisa, tenho que dizer, dizer que nunca até hoje vi um homem nu.

— Meu Deus, essa criatura enlouqueceu!

— Não sei como é membro de um homem, de menino, não, de homem mesmo, homem-homem... em estado de ereção. Sei que não se compara, não pode se comparar como o do menino, concluo pelo que vejo dos cavalos da carroça, quando estão cochilando na frente do mercado público. Botam pra fora uma bichona preta ..que tem vida própria, ânsia, clama por outra do mesmo gênero para nela se realizar. Deve ser como a do homem do depósito lá de baixo. Ele fica na porta, de peito nu, cabeludo, cada maromba de braço. Grosseiro, animalesco, acavalado. Deus me perdoe, tenho sonhado com ele, assim à vontade no corpo inteiro, cochilando, pendulando. (LEMOS, 2006:56-57)

Dada tenta a todo custo cessar a fala de sua irmã, sem obter sucesso. Lorena sente uma necessidade incontrolável de se impor, de expor sua opinião, seus desejos, suas fantasias. Chauí (1894) diz que desejar é desejar alguma coisa ou alguém, é sentir carência, falta. É buscar preenchimento, satisfação. Donde o “vínculo interior entre desejo e prazer” (p.159).

— Lorena, troque já de roupa, vamos à Igreja de São Nicolau, agora mesmo você vai se confessar.

— Com padre Juvenal? Ele vai ficar nu, de quatro pés, o negócio dele pendurado, duro balançando? Posso pegar apertar, bota-lo dentro de mim?(LEMOS, 2006:57).

Segundo Chauí (1984:108), na confissão “algo também é exigido do próprio confessor, posto que é um ser humano, apesar da graça santificante recebida pelo sacramento da Ordem: não deve pecar ao ouvir a confissão”. A “confessora” Dada tenta reprimir Lorena o tempo todo, talvez por achar que corre o risco de sentir prazer no que ouve e fantasiar a partir do que escuta, tornar-se cúmplice involuntária da penitente.

Eis a penitência exigida por Dada (que por ironia não se dá a ninguém) a Lorena: precisa ir à igreja e confessar que “peca” em pensamento, expor suas fantasias sexuais, e que uma de suas tentações relaciona-se ao desejo pelo próprio padre Juvenal. Ao que Lorena reage, contesta, de forma irônica e até mesmo erotizando a situação. Essa reação de Lorena, na compreensão de Soares (1999:102), aponta para “o exercício erótico de sobreposição da transgressão à proibição”, na qual ela apresenta-se decidida a não se submeter às interdições da igreja e deixar seu corpo e seu desejo falarem, num processo de busca da constituição de sua identidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, entendemos, em sintonia com Bozon (2004:115), que

Atualmente, a expressão cada vez mais aberta da sexualidade na literatura, no cinema e nos meios de comunicação não pode mais ser interpretada como transgressão ou simples impulso de exibicionismo. À sua maneira, ela contribui para uma redefinição dos significados da sexualidade e dos cenários do desejo aos olhos de todos.

Na figura feminina de *Lorena*, de **Alugam-se quartos**, transparece o despontar de uma mulher consciente de sua repressão, mas também disposta a lutar por sua libertação, tendo em vista a vivência plena de sua sexualidade. Percebe-se, a partir da fala de Lorena, que a mulher, mesmo já em idade madura, não está mais disposta a se submeter passivamente e questiona qualquer preceito religioso ou familiar que não leve em conta sua humanidade, seus legítimos desejos sexuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONZON, Michael. **Sociologia da sexualidade**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual**: essa nossa (des) conhecida. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEMOS, Gilvan. **A Era dos Besouros**. São Paulo: A Girafa, 2006.

SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória**: vozes femininas da libertação do erotismo na poesia brasileira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

